

O QUEBRA-CABEÇA COMO RECURSO PARA AS AULAS DE GEOGRAFIA NA ESCOLA BÁSICA

Eduardo Soares da Silva

Universidade Estadual da Paraíba
email: eduardofla358@gmail.com

Josandra Araújo Barreto de Melo

Universidade Estadual da Paraíba-UEPB
email: ajosandra@yahoo.com.br

Resumo

A disciplina de Geografia é, por excelência, englobadora de diversas possibilidades de utilização de metodologias de ensino, abordagens, temáticas e recursos didáticos, influenciando diretamente na relação ensino e aprendizagem. No que se refere aos recursos didáticos que podem ser utilizados nas aulas de Geografia existem vastas possibilidades, articulando conteúdos e metodologias. Por sua vez, o quebra-cabeça constitui um desses recursos, podendo ser construídos e relacionados em diversas análises e conteúdos, servindo como uma ferramenta simples, atraente e importante, desenvolvendo as habilidades de comparação, raciocínio e capacidades básicas de cartografia e interpretação de paisagens, por exemplo. Nesse contexto, analisar os resultados de um projeto educacional com a utilização do recurso quebra-cabeça realizado em duas turmas do Ensino Fundamental II em uma escola pública de Campina Grande –PB é o objetivo deste trabalho. O trabalho encaixa-se como proposta de abordagem qualitativa do ensino de Geografia, sendo desenvolvido através do Programa institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID do curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. No desenvolvimento do projeto foram realizadas aulas práticas, com a utilização, construção e análise geográfica do recurso didático do quebra-cabeça. Os resultados e a reflexão acerca da utilização do recurso foi positiva, haja vista todas as práticas desenvolvidas terem obtido êxito, mostrando como recursos simples podem acarretar numa boa relação entre alunos, professores e a disciplina escolar Geografia.

Palavras Chave: Ensino de Geografia, Recursos Didáticos, Quebra-cabeça

INTRODUÇÃO

O ensino de Geografia passou por diversas mudanças ao longo de sua presença no currículo da escola básica no Brasil, motivadas por diferenças em conceitos, metodologias e na utilização de diversos recursos didático-pedagógicos, haja vista ser um reflexo de como a Geografia é, diante das demais disciplinas escolares, a que mais experimenta metamorfoses no espaço-tempo escola, assim como em suas estruturas na relação ensino-aprendizagem.

As mudanças nas propostas, nos conceitos e nas metodologias de ensino fazem da Geografia escolar a mais próxima da ciência geográfica, se comparado com as demais

disciplinas e suas respectivas ciências. Portanto, as mudanças e variedades que apresentam-se na Geografia acadêmica, aparecem na Geografia escolar, mesmo que em passos lentos.

No que se refere a utilização de recursos para o ensino de Geografia, percebe-se o aumento da variedade e de possibilidades de aplicação desses nas aulas, fruto da própria possibilidade do ensino de Geografia de promover estas variações de recursos e metodologias. Por ser a ciência do espaço, palco da relação sociedade x natureza é, por excelência, a ciência e disciplina que analisa as modificações socioespaciais abrangendo, conseqüentemente, maior gama possível de recursos e metodologias de ensino para tornar possível a leitura e interpretação crítica do espaço geográfico.

Aplicativos, mapas, gráficos, jogos, filmes, slides, entre outros recursos são exemplos da amplitude de possibilidades que os professores de Geografia podem utilizar para exercer o seu trabalho - aulas dialogadas, expositivas, de interpretação, comparativas e críticas são algumas das metodologias que podem acompanhar e condicionar esses recursos. Por outro lado, o que percebe-se ainda hoje é uma Geografia ensinada de modo arcaico, mnemônico e conservador, com professores sem motivação, com pouco senso de inovação e que não procuram usar recursos, muitas vezes, simples para uma melhor relação ensino-aprendizagem.

Esse contexto aliado a escolas sem estrutura e que, muitas vezes, não possuem um mapa, Data Show, ou, simplesmente, professores de Geografia provoca o distanciamento do êxito do ensino dessa disciplina e na falta de gosto dos alunos por ela, gerando um ciclo de perpetuação de uma Geografia sem estímulos e renovações, ou mesmo de uma disciplina que não consegue desenvolver o raciocínio geográfico dos alunos. Pensando nessas questões, a utilização de recursos nas aulas de Geografia, aliada a metodologias participativas de ensino, são a chave do sucesso na aprendizagem dos conteúdos geográficos.

Mediante o exposto, o presente trabalho objetiva analisar a utilização do quebra-cabeça como um recurso didático nas aulas de Geografia. Trata-se dos resultados de um Projeto educacional desenvolvido no âmbito das ações do Subprojeto Geografia/PIBID/UEPB, em uma turma de 7º ano de uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB. O mencionado projeto foi desenvolvido para trabalhar os conteúdos regionalização do espaço brasileiro e processo de urbanização e industrialização do Brasil, através de metodologias centradas na participação dos alunos.

Como forma de estruturação, o artigo aborda, inicialmente, a relação entre o ensino de Geografia e os recursos didáticos, mostrando como a Geografia é rica em recursos próprios e interdisciplinares e que, muitas vezes, são deixados de lado por motivos diversos. Na seqüência, analisa a utilização do quebra-cabeça e suas potencialidades como recurso

didático, embora ainda seja um recurso pouco utilizado. Para o desenvolvimento do referencial teórico e de toda estrutura do trabalho foram usados pesquisadores da área do ensino de Geografia, da utilização de recursos didáticos e especificamente do quebra-cabeça, como Cavalcanti (2010), Coutinho (2014), Guimarães & Rosa (2014), Ramos (2012) e Silva & Muniz (2012).

O tópico seguinte é a metodologia, que consistiu numa abordagem qualitativa e um relato de experiência do ensino de Geografia, com etapas teóricas e práticas, que abordaram os conteúdos trabalhados e que possibilitaram a utilização do quebra-cabeça; Por fim, serão apresentados os resultados como meio de análise da compreensão dos conteúdos pelos alunos e constituíram uma forma diferente de avaliação.

O ENSINO DE GEOGRAFIA E O QUEBRA-CABEÇA ENQUANTO RECURSO DIDÁTICO

Existe uma estreita relação entre o ensino de Geografia e a utilização de recursos didáticos, em virtude da vasta potencialidade dos conteúdos de requererem a utilização de recursos e metodologias que facilitem a capacidade de abstração dos alunos.

A ciência geográfica tem seus alicerces teórico-metodológicos estabelecidos só no século XX, depois de um período de variações na filosofia e no modo de ensinar, não obstante, já ter-se uma ciência puramente definida, com objetos e objetivos próprios que, no mundo escolar, condicionam possibilidades para que conteúdos sejam repassados e que o aluno compreenda. Porém, para que isso aconteça é preciso que o professor, agente principal na mediação de conteúdos, metodologias e recursos esteja ciente e muito bem direcionado para quem, como e quando ensinar. Para Cavalcanti (2010, p. 1):

Em razão das inúmeras dificuldades que enfrentam no trabalho, alguns professores se sentem inseguros e se fecham em uma atitude conservadora: optam por manter os rituais rotineiros e repetitivos da sala de aula, desistindo de experimentar caminhos novos.

O professor é pedagogicamente e cientificamente o profissional responsável pela relação entre ensino de Geografia e aprendizagem dos discentes; isso condiciona o êxito de suas aulas aos investimentos em planejamento e estratégias de ensino, ou seja, o professor como ponte da Geografia-aluno deve saber o que ensinar, ter conhecimento do que está a ensinar, as formas que poderá fazer para que o aluno aprenda, pois,

Ao dar aulas para qualquer nível de ensino, o professor escolhe sua fala, seu discurso, define abordagens, enfoques, tempos de fala, tempos de silêncio,

encaminha atividades, utiliza-se de recursos, que têm influência direta nos resultados dos processos de aprendizagem dos alunos. De alguma maneira, consciente ou inconscientemente, o trabalho do professor está ligado a um projeto de formação, a um projeto de sociedade, a um projeto de humanidade (CAVALCANTI, 2010, p.2).

O que deve ser enaltecido é a importância dupla da figura do professor no que se refere a responsabilidade de ensinar e, ao mesmo tempo, tornar válida a Geografia em meio social. É a partir da escola que a Geografia permanece de pé. A perpetuação da Geografia não se localiza apenas na universidade e meio acadêmico, mas principalmente no meio escolar, pois é a partir da instituição escola que, através do ensino e aprendizagem, que a ciência geográfica sobrevive e continua com suas lutas e legitimações.

Na Geografia escolar, especialmente no Ensino Fundamental, os conceitos e temas como paisagem, lugar, território, região, urbanização, industrialização, regionalização, desterritorialização, entre outros aliados aos conteúdos que irão colocar estes conceito-temas em prática é o que torna a Geografia algo verdadeiro e necessário. Na verdade:

Trata-se de ensinar um modo de pensar geográfico, um olhar geográfico, um raciocínio geográfico. Esse modo de pensar tem sido estruturado historicamente por um conjunto de categorias, conceitos e teorias sobre o espaço e sobre a relação da sociedade com o espaço. Sendo assim, ensinar Geografia é ensinar, por meio de temas e conteúdos (fatos, fenômenos, informações), um modo de pensar geograficamente/espacialmente o mundo, o que requer desenvolver, ao longo dos anos do ensino fundamental, um pensamento conceitual (CAVALCANTI, 2010, p.7).

“A intenção é proporcionar uma maneira mais didática de aprender Geografia, levando em consideração o conteúdo a ser ministrado, os objetivos a serem atingidos e o público-alvo” (CAVALCANTI, 2010, p.64). A partir dessa análise, destaca-se que “Nessa perspectiva o professor de Geografia desempenha o importante papel de ensinar o saber geográfico, de instigar os alunos a fazerem relações e compreenderem o espaço onde vivem” (COUTINHO, 2014, p.3). Assim também compreendem outros autores:

O recurso didático, por sua vez, não tem a capacidade de garantir inteiramente a aprendizagem do aluno, mas desperta nesse um interesse maior na aula, pois oferece ao educando a oportunidade de trabalhar com elementos que o permitam ser protagonista na construção do conhecimento (SILVA; MUNIZ, 2012, p.65).

Analisando a relação do ensino de Geografia com a utilização de recursos didáticos é visível como o mesmo pode alavancar novas possibilidades, novas abordagens na construção do êxito da relação ensino e aprendizagem. Portanto, saber o que usar, como usar e refletir sobre a utilização de recursos é um dos pontos-chave para o desenvolvimento docente e para o aprendizado discente. Para a utilização de todo recurso didático o professor, deve, antes de

mais nada, analisar como essa ferramenta pode influenciar e melhorar a capacidade de análise crítica e socioespacial do aluno, onde:

O uso de recursos didático-pedagógicos deve favorecer o desenvolvimento de uma atitude crítica, reflexiva perante os temas abordados. Entretanto, os materiais usados devem complementar a atuação do professor, não sendo utilizados sozinhos. É necessário que se estabeleçam objetivos a serem alcançados com o uso dos recursos, considerando o planejamento de uma sequência de atividades. É importante ressaltar que qualquer material didático precisa estar em sala de aula dentro de um planejamento que permita ao aluno desenvolver conhecimentos conceituais e procedimentais através de seu uso (GUIMARÃES; ROSA, 2014, p.74).

Todavia, é pertinente mencionar a falta de preparo, motivação e tempo do professor no planejamento para utilização de recursos didáticos em sua disciplina. O que percebe-se são docentes parados no tempo, que utilizam os mesmos recursos, metodologias e conteúdos ano após ano, num sistema precário, tradicional e fechado da educação, não abrindo-se a novas perspectivas e práticas. Sobre estas questões Coutinho (2014) argumenta que:

[...] o que se observa é a acomodação por parte dos professores, pois preparar aulas criativas, inovadoras, tira o professor da sua zona de conforto, exige planejamento, disponibilidade de tempo, pesquisa, e romper com o comodismo. Sendo assim, é mais fácil trabalhar apenas com o livro didático como único recurso, ou apenas aulas expositivas, nas quais o aluno é apenas um receptor das informações (Idem, p. 5).

Por essas características, ainda persistentes em muitos professores de Geografia, o que lhes resta são aulas meramente expositivas, pouco atrativas e com a utilização, na maioria das vezes, apenas de um recurso - o livro didático, com temáticas atrasadas, presas a questões gerais e com linguagem que não abarca o lugar, a análise crítica e a relação com os outros lugares, muito embora criticar o livro didático não seja o objetivo do presente trabalho, haja vista:

O livro didático é um recurso interessante para auxiliar no ensino, porém considerando que os utilizados nas escolas públicas muitas vezes são usados por vários anos, os conteúdos apresentados se tornam defasados e obsoletos muito rapidamente, uma vez que a Geografia por estudar os fenômenos sociais e da natureza, é muito dinâmica. Além disso, os conteúdos apresentados nos livros são muito distantes da realidade dos alunos, o que os desmotiva (GUIMARÃES; ROSA, 2014, p. 74).

Partindo dessa compreensão, se faz necessário investir no planejamento, sendo o livro uma ferramenta de apoio ao professor, que requer a utilização de instrumentos adequados para desenvolver as atividades, o que permitirá ao discente uma melhor compreensão das propostas desta disciplina.

Nesse direcionamento, a utilização do quebra-cabeça vem para mostrar como algo simples, que pode promover aulas interessantes, intensas e aprimorar a relação ensino e

aprendizagem, podendo ser comprado ou até feito manualmente. Esta ferramenta pode ser utilizada em várias temáticas visando aproximar o aluno da análise espacial e cartográfica, principais objetivos da Geografia Escolar. Assim como o uso de gráficos, google earth, GPS ou até mesmo maquetes, o quebra-cabeça entra na lista de recursos que podem ser considerados, além de didáticos, também geográficos.

O ensino da Geografia abre, portanto, um leque de oportunidade para o uso das mais variadas linguagens. O importante é que estas sirvam como fonte complementar ao livro didático e que o professor saiba utilizá-las, problematizando conteúdos para desenvolver competências e habilidades que permitam ao educando não só descrever o espaço, mas compreendê-lo, analisá-lo, fazer sua leitura e nele atuar, aguçando sua capacidade argumentativa, participativa, e construtiva. Assim, estaremos evitando a rotina presente na sala de aula do ensino tradicional e contribuindo para uma verdadeira educação geográfica (SILVA; MUNIZ, 2012, p.65-66).

O ensino de Geografia contribui para o desenvolvimento de habilidades, como observar, descrever, analisar, orientar-se, argumentar, dentre outras; portanto, é necessário que o educador esteja preparado para estimular, auxiliar o aluno a desenvolver tais habilidades. Apesar das poucas pesquisas e relatos do uso do quebra-cabeça em aulas, tanto de Geografia como de outras disciplinas, pode-se afirmar que sua utilização proporciona as habilidades ditas acima, pois:

Dando destaque ao uso de jogos em forma de quebra-cabeça no ensino de Geografia, que é tema de estudo desta pesquisa, esses estimulam o trabalho em equipe, a colaboração, além de estabelecerem relação com a prática. Os alunos se sentem instigados, motivados quando aprendem fazendo. Nessa pesquisa, propomos o uso de mapas no formato de quebra-cabeças como recurso didático-pedagógico no ensino de Geografia. Considerando as dificuldades dos alunos do Ensino Fundamental em assimilar conteúdos, as atividades lúdicas podem contribuir para facilitar o entendimento e fixação (GUIMARÃES; ROSA, 2014, p.75).

Face ao exposto, partiu-se da compreensão dessa capacidade de um recurso simples poder provocar uma excelente relação de ensino e aprendizagem no Ensino de Geografia.

METODOLOGIA

Este artigo foi desenvolvido a partir de uma proposta de abordagem qualitativa e um relato de experiência do ensino de Geografia através do desenvolvimento de um projeto educacional para alunos matriculados em uma escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, na cidade de Campina Grande, PB, através do Programa institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID do curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. No desenvolvimento do projeto foram desenvolvidas aulas

práticas, com a utilização do recurso didático do quebra-cabeça, além de lápis, fotos e emborrachado. O percurso do projeto foi dividido em três etapas:

- Utilização do quebra-cabeça das unidades federativas do Brasil para um diagnóstico da capacidade discente de percepção para regionalizar e cartografar o território brasileiro. Compreendeu a montagem de quebra-cabeça das unidades federativas do Brasil;
- Construção de quebra-cabeça por parte do bolsista PIBID para utilização em uma segunda aula prática. O quebra-cabeça continha paisagens pretéritas e atuais do perímetro urbano de Campina Grande-PB, envolvendo temáticas que iam desde o processo de urbanização ao de industrialização da cidade. Para essa construção foram utilizadas ferramentas simples como emborrachado, cola e fotos da cidade. Depois de construído foi levado para aula e os alunos tiveram o problema de montar e analisar geograficamente as paisagens.
- Construção, montagem e análise de quebra-cabeça por parte dos alunos, que seguiram as mesmas etapas que o bolsista. Depois que os alunos montaram o recurso, fizeram uma análise das informações que viam, dando destaque as paisagens da região Nordeste.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira intervenção foi de grande importância para uma reflexão teórico-metodológica, haja vista a utilização do quebra-cabeça mostrar como uma simples metodologia pode provocar aprendizagem e reflexão sobre formas e recursos didáticos para o ensino de Geografia, além de um diagnóstico inicial sobre o domínio de análise e interpretação das turmas sobre o território brasileiro, temática chave para o 7º ano do Ensino Fundamental.

Foi visível o gosto da turma pelo recurso e a aula serviu de exercício final para a compreensão do conteúdo e para um posterior exercício de aprendizagem. Todavia, a mesma intervenção mostrou como alguns alunos não conseguiam compreender a posição no mapa dos estados e por não saberem o significado das siglas os colocavam erroneamente na montagem, mostrando como discentes do ensino fundamental II ainda não compreendem muitas posições geográficas do Brasil e os mapas ainda são elementos incognitíveis.

Ficou visível que as competências de localizar, orientar-se e regionalizar espacialmente os estados brasileiros não eram suficientes em alguns alunos, mostrando como essas habilidades, notoriamente geográficas não foram bem compreendidas pelos alunos quando estudados (ou se estudaram) mais profundamente, nesse caso na série anterior (6º ano), sendo está o momento curricularmente acertado para a compreensão destes conteúdos. Estados como Minas Gerais foram colocados onde era a Bahia e o Ceará onde era Roraima, o

Paraná foi confundido com São Paulo, Sergipe com Alagoas e Tocantins com Goiás. A Figura 01 apresenta o processo de montagem do quebra-cabeça pelos alunos.

Figura 01: Aula com a utilização de quebra-cabeça sobre as unidades federativas do Brasil.



Fonte: Silva (2017)

Porém, mesmo em meio a muitos erros e acertos, deve-se registrar o interesse dos alunos em participar das atividades, sobretudo porque a metodologia era participativa e o manuseio do recurso didático, algo bem atrativo e motivador.

Após esse primeiro momento, planejou-se a efetivação da segunda atividade colaborativa entre o bolsista, a professora e os alunos do 7º ano. Ocorreu no final do mês de Agosto de 2017 e teve o objetivo de ser a proposta inicial para trabalhar o processo de urbanização, industrialização, mudanças no campo brasileiro e sua relação com a paisagem. O quebra-cabeça utilizado nesta nova abordagem continha imagens de Campina Grande-PB, mostrando tempos e lugares diferentes. Quando montado, os alunos tinham que fazer uma análise e interpretação das paisagens, como a comparação antiga e atual do Açude Velho, cartão postal da cidade e antigo centro industrial, por exemplo. Na Figura 02 apresenta-se as imagens da cidade que foram utilizadas para elaboração do recurso didático.

Figura 02: Imagens que foram utilizadas para a construção do quebra-cabeça pelo bolsista.



Fonte: Google Imagens.

Para a realização deste momento os alunos foram levados para o auditório da escola, divididos em grupos e proposto um desafio: quando todo o quebra-cabeça estivesse pronto o grupo ganharia doces, a premiação envolvia a semana do estudante. Portanto, ao mesmo tempo em que os discentes tinham os primeiros contatos com a temática do novo projeto também se divertiam com as comemorações da semana do estudante.

Apesar das dificuldades para o desenvolvimento da atividade, pois o material foi feito artesanalmente e alguns alunos, pela dificuldade de colocação de certas peças, se recusaram a continuar, no final todos os grupos cumpriram a dinâmica e o esforço foi recompensatório, conforme pode ser visualizado através da Figura 03.

Figura 03: Resultado do quebra-cabeça montado pelos alunos do 7º ano.



Fonte: SILVA (2017).

O uso deste recurso também serviu, como em outra proposta, à análise da percepção dos alunos sobre as paisagens geográficas. Os discentes foram direcionados a construírem seu quebra-cabeça e depois montá-lo, o mesmo material que foi usado na intervenção anterior também foi usado nesta, onde tinham que colar fotos de paisagens brasileiras no emborrachado, desenhar as peças e depois cortar. A maioria dos discentes tiveram facilidade em montar o quebra-cabeça e demonstraram também fácil interpretação das paisagens, os que tiveram dificuldades nas propostas anteriores que utilizou essas ferramentas também voltaram a ter dificuldade na construção e análise do mesmo, mas com uma leve melhora.

A última intervenção se deu na construção, por parte dos alunos dos seus próprios quebra-cabeça, foi utilizado o mesmo procedimento do bolsista, colagem de fotos em emborrachados, desenho de peças e recorte das mesmas. Desta vez, os alunos que foram agentes da intervenção, os construtores da aula e do recurso a ser proposto para a mesma. O resultado foi positivo, todos se sentiram satisfeitos e cumpriram a meta de criar e analisar a Geografia presente no recurso, nesse caso sobre a região Nordeste, conforme pode ser visualizado a partir da Figura 04.

Figura 04: Alunos montando o quebra-cabeça construído pelo bolsista.



Fonte: Silva (2017).

Ficou compreendida a capacidade que um recurso simples pode provocar uma boa relação de ensino e aprendizagem. A construção manual e a montagem pelo bolsista e pelos discentes de quebra-cabeças sobre diferentes temáticas e conteúdos da Geografia do ensino fundamental mostra como não precisa de espetáculos e ferramentas fabulosas para promover o interesse e o conhecimento. O planejamento e desenvolvimento das etapas, as intervenções realizadas e os diagnósticos refletidos evidenciou uma melhoria no modo de representar e conhecer socioespacialmente o lugar do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se bastante promissora a utilização do recurso ora analisado na construção do conhecimento geográfico dos alunos da escola básica, haja vista que os objetivos de expor, debater e, principalmente, tornar possível a análise crítica através do recurso utilizado do lugar de vivência dos alunos e relacionar com a escala nacional foi realizada com êxito. O ponto chave do recurso é tornar possível o estudo do lugar, da vivência dos discentes e relacionar, através do recurso utilizado, uma análise critico-geográfica do espaço.

O que tornou as intervenções em sala algo harmonioso foi a simplicidade do recurso e sua assimilação com o espaço de vivência deixando prazerosa a relação ensino-aprendizagem. Outro ponto a destacar foi o aumento das relações de amizade e companheirismo do bolsista com os alunos, o cotidiano do projeto educacional desenvolvido e como a utilização do quebra-cabeça promoveu uma maior dinâmica e a proximidade, algo a destacar-se como especial.

Recomenda-se futuras pesquisas, novas análises e práticas didáticas com a utilização do recurso, para assim ter-se uma nova abordagem e resultados para interpretações e argumentações mais concisas sobre o uso quebra-cabeça no ensino de geografia. Dessa forma, o ensino deve ser um processo de relação mútua entre professor e aluno, caracterizado pela busca interativa de novas formas de aprendizagem que ajudem a tornar a sala de aula um ambiente onde o educando sinta o prazer de estudar, ao mesmo tempo em que seja incentivado à pesquisa, tornando-o um investigador na busca conjunta pelo conhecimento.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, L. S. **A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas.** ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais. Anais... Belo Horizonte, novembro de 2010.

COUTINHO, J. S. **Alternativas metodológicas para o ensino da geografia nos anos finais do ensino fundamental:** os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor. Cadernos PDE, v. 1, p. 1-31, 2014.

GUIMARÃES, R. C.; ROSA, O. **Ensinando geografia de forma lúdica através do mapa em quebra-cabeça.** Caminhos de Geografia. Uberlândia v. 15, n. 49 Mar/2014 p. 70–79.

NOGUEIRA, Denys Silva. **A escola e o ensino de geografia na sociedade do espetáculo.** Revista OKARA: Geografia em debate, v.9, n.1, p. 123-133, 2015.

RAMOS, M. G. S. **A Importância dos Recursos Didáticos para o Ensino da Geografia no Ensino Fundamental nas Séries Finais.** UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB, p. 45, Brasília – DF, 2012.

SILVA, V.; MUNIZ, A. M. V. **A geografia escolar e os recursos didáticos: o uso das maquetes no ensino-aprendizagem da geografia.** Revista Geosaberes, Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 62-68, jan. / jun. 2012.